

A fabulação da resistência em *A cidade dos abismos*: Ecos e diálogos com o cinema de Maya Deren¹

Ricardo Tsutomu Matsuzawa²
Universidade de São Paulo
Universidade Anhembi Morumbi

RESUMO

Este trabalho analisa as estratégias de fabulação no filme *A cidade dos abismos* (2021), com foco na alusão à cineasta vanguardista Maya Deren. A partir de uma análise fílmica comparativa, o objetivo é demonstrar como essa referência intertextual transcende a homenagem para funcionar como um gesto político. A argumentação se fundamenta em conceitos como a "imagem-tempo" de Gilles Deleuze, a "imagem dialética" de Walter Benjamin e a "autorreflexão metadiscursiva" de Linda Hutcheon. Conclui-se que o diálogo com Deren não apenas alinha o filme a uma tradição de cinema experimental, mas também reforça sua complexidade formal como via de acesso para fabular a resistência de corpos marginalizados no Brasil contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: cinema brasileiro; a cidade dos abismos; Maya Deren; fabulação.

O filme *A cidade dos abismos* (2021), de Priscyla Bettim e Renato Coelho, emerge no cenário do cinema brasileiro contemporâneo como uma potente obra de fabulação e resistência. Ao retratar a jornada de três personagens marginalizados em uma São Paulo espectral, o filme constrói uma complexa teia de referências para articular sua crítica social. Dentre elas, o diálogo com o cinema de vanguarda de Maya Deren (1917-1961) destaca-se como uma escolha estética e política fundamental. Este trabalho propõe analisar como essa alusão não funciona como mera citação, mas como um elemento estruturante que enriquece a proposta do filme de fabular a resistência através da forma cinematográfica. Para tanto, a análise será fundamentada em uma perspectiva dialógica, articulando a "imagem-tempo" de Gilles Deleuze (2005), a "imagem dialética" de Walter

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Meios e processos Audiovisuais, professor de comunicação na Universidade Anhembi Morumbi – UAM. E-mail: ricardo.matsuzawa@gmail.com

Benjamin (2007) e a "autorreflexão metadiscursiva" de Linda Hutcheon (1991) para desvelar as camadas de significação desse gesto.

Maya Deren forjou uma linguagem que rompia radicalmente com as convenções narrativas de Hollywood. Ela propôs um cinema "vertical", focado na profundidade da experiência subjetiva e do momento, em oposição ao cinema "horizontal" da trama linear. Influenciada pelo surrealismo e pela dança, sua obra explora temas como a fragmentação da identidade, a temporalidade não cronológica e a primazia do corpo como veículo de expressão. Deren buscava um "poema cinematográfico", no qual a lógica associativa e o ritmo visual tivessem primazia sobre o enredo, criando paisagens oníricas e psicológicas. A referência a Deren se manifesta de forma metadiscursiva, como postula Hutcheon, na própria escolha do nome da personagem assassinada, Maya. A luta dos protagonistas contra o esquecimento de Maya pode ser lida como uma analogia à batalha dos próprios cineastas para concretizar uma obra que desafia os cânones comerciais, reivindicando uma linhagem vanguardista. É um gesto autorreflexivo que posiciona o próprio filme dentro da tradição que ele cita.

A presença de Deren é mais explicitamente sentida na sequência em que a personagem Glória (Verónica Valentino) caminha por um parque, numa clara evocação da gramática visual e temática de *Meshes of the Afternoon* (1943). A montagem, que desafia a continuidade espacial, e a presença de objetos simbólicos como o espelho remetem diretamente ao filme de Deren. A perseguição de Glória à aparição de Maya (a amiga assassinada) ecoa a jornada da protagonista de Deren, que persegue a si mesma em um ambiente transfigurado em labirinto mental. Essa cena pode ser compreendida como uma "imagem dialética" benjaminiana: uma constelação onde o presente da narrativa (a dor de Glória) e o passado cinematográfico (a imagem de Deren) colidem, produzindo um choque que ilumina a condição contemporânea de luto e resistência.

A estrutura do filme, que abandona a causalidade linear, alinha-se ao conceito de "imagem-tempo" de Deleuze. A fragmentação e a atmosfera de sonho/pesadelo não servem apenas para explorar uma crise íntima, mas para traduzir a experiência de desorientação e trauma de pessoas marginalizadas em uma metrópole hostil. A temporalidade do filme não avança, ela se aprofunda em estados subjetivos, exatamente como Deleuze descreve o cinema moderno. Além disso, a noção de "choreocinema", desenvolvida a partir da obra de Deren, onde a câmera participa da coreografia, encontra um forte eco na cena final de vingança. A sequência, com sua movimentação ritualística,

transforma um ato de violência em uma dança de justiça poética, um ritual de resistência performed pelos corpos que o sistema tentou aniquilar.

O diálogo com Maya Deren em *A cidade dos abismos* é, portanto, um gesto de profunda coerência. Ao invocar a linguagem da vanguarda, os diretores alinham sua obra a uma tradição que sempre buscou no experimentalismo as ferramentas para tornar visível o invisível – seja o fluxo do inconsciente, como em Deren, ou as vidas relegadas às margens da sociedade, como no filme brasileiro. A referência não é um ornamento, mas uma afirmação da complexidade formal como via de acesso a uma verdade social e subjetiva. A fabulação da resistência em *A cidade dos abismos* ganha, assim, uma nova camada de profundidade, mostrando que a luta pela sobrevivência no presente pode ser artisticamente nutrida pela memória radical da história do cinema.

REFERÊNCIAS FILMES

A CIDADE DOS ABISMOS. Direção: Priscyla Bettim e Renato Coelho. Produção: Priscyla Bettim e Renato Coelho. Brasil: Cinediário, 2021. (79 min).

MESHES OF THE AFTERNOON. Direção: Maya Deren e Alexander Hammid. Produção: Maya Deren. Estados Unidos, 1943. (14 min).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTVOLL, A. **Choreocinema**. - Dissertação de mestrado - Surrey: University of Surrey, England, 2004.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. V.1. Brasiliense, 1994

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARROLL, N. **Interpreting the movie image**. London: Cambridge University Press 1998.

DE LEON OLIVARES, Isabel. Cavaleiros Divinos de Maya Deren: Uma visão vanguardista do vodu haitiano. **memórias**, Barranquilla, n. 31, pág. 98-121, abril de 2017. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-88862017000100005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 14 de abril de 2025. <https://doi.org/10.14482/memor.31.9918>.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34, 2020.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença: O que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

XAVIER, I. **Cinema Brasileiro Moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: opacidade e transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.